Parte 3 - Pesquisa qualitativa: aplicações nos estudos urbanos

Uma análise qualitativa sobre a modificação da paisagem na Feira da Prata, em Campina Grande/PB, e suas consequências para a qualidade de vida dos que a vivenciam

Kleiton Wagner Alves da Silva Nogueira
Martha Priscila Bezerra Pereira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NOGUEIRA, K.W.A.S., and PEREIRA, M.P.B. Uma análise qualitativa sobre a modificação da paisagem na Feira da Prata, em Campina Grande/PB, e suas consequências para a qualidade de vida dos que a vivenciam. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S., comps. *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 379-397. ISBN 978-85-7511-443-8. <https://doi.org/10.7476/9788575114438.0022>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Uma análise qualitativa sobre a modificação da paisagem na Feira da Prata, em Campina Grande/PB, e suas consequências para a qualidade de vida dos que a vivenciam

Kleiton Wagner Alves da Silva Nogueira
Martha Priscila Bezerra Pereira

O suprimento alimentar é um fenômeno que faz parte do cotidiano das cidades, e a alimentação é um elemento-chave para a própria sobrevivência humana. Uma das formas de realizar esse processo de suprimento alimentar é a feira livre.

O estudo de feiras livres pela geografia tem ocorrido principalmente a partir do entendimento de que a feira estaria inserida no circuito inferior da economia (Santos, 1979). Todavia, outro caminho de pesquisa seria considerar a feira um local que emana a cultura popular, tornando a relação campo-cidade bem evidenciada. Estudar a feira a partir de uma perspectiva humanística pode auxiliar na compreensão de que a cultura local é capaz de ser um dos fatores que interferem na qualidade de vida de quem comercializa, compra e/ou mora no entorno. No que diz respeito à Feira da Prata, esta se caracteriza como uma rugosidade no espaço geográfico de Campina Grande/PB. Dessa forma, estudá-la é também estudar um pouco da história da cidade, dos costumes e das ações relacionadas à melhoria ou não da qualidade de vida, a partir de vários setores da sociedade.

Podem-se entender as feiras livres sob diferentes óticas. Uma delas corresponderia a vê-la como um espaço rugoso e híbrido, formado pela conjuntura de aspectos

novos e antigos, que oportuniza a materialização de agentes sociais por um viés econômico, social ou cultural (Costa, 2003). Mudando a escala de observação do fenômeno, pode-se visualizar a feira livre como um agente influenciador da paisagem urbana, na qual a intervenção é feita por indivíduos que vivenciam ou presenciam a feira, sejam eles feirantes, consumidores ou moradores do entorno, e por setores da prefeitura, como o da vigilância sanitária e o responsável pela infraestrutura (Pereira, 1999).

Por meio de práticas cotidianas, pode-se constatar que a feira provoca maior dinamicidade na escala de um bairro, por exemplo, por meio de novas territorialidades. No dia da feira, há maior circulação de pessoas; novos sons, cheiros e conversas surgem no ar; e o clima lúdico e ao mesmo tempo de trabalho materializa na paisagem um aspecto de bagunça organizada.

Olhando as feiras livres a partir de uma perspectiva do cotidiano, observa-se que são instituições repletas de valores simbólicos e afetivos. A feira é, ao mesmo tempo, o local da tradição, do trabalho e do lúdico. No entanto, como a qualidade de vida é levada em consideração nesses ambientes? Que fatores se devem considerar ao analisar a qualidade de vida dos indivíduos que vivenciam esse espaço? Até que ponto uma modificação na paisagem pode influenciar a qualidade de vida dessas pessoas?

Visando responder a esses questionamentos, o estudo em questão analisou a modificação da paisagem da Feira da Prata, em Campina Grande, e suas consequências na qualidade de vida dos que a vivenciam. Além disso, identificou os elementos dessa paisagem que podem interferir no cotidiano dos indivíduos na atualidade; elaborou um diagnóstico sobre a percepção de qualidade de vida dessas pessoas; e assinalou os principais problemas e potencialidades a partir da paisagem atual.

Síntese histórica sobre feira livre

De acordo com o dicionário Aurélio, feira significa: “1. Lugar público, não raro descoberto, onde se expõem e vendem mercadorias; 2. exposição” (Ferreira, 2000, p. 317). Pode-se observar, na descrição do dicionário, que a feira se constitui como um local público de encontro de pessoas, repleto de funcionalidades.

As feiras se constituem em verdadeiros focos proliferativos de fenômenos sociais, culturais e econômicos, podendo ser analisadas por diferentes perspectivas. Como afirma Silva (apud Chaves, 2011), a feira é “um tecido venoso por onde afluem valores socioculturais e preceitos econômicos e ideológicos”. Porém, como se deu o surgimento de tal fenômeno? Qual foi o fator preponderante e decisivo para que agrupasse características tão peculiares?

Em algumas regiões, as feiras surgiram como um fenômeno primitivo, de forma espontânea, a ponto de muitas cidades terem suas origens ligadas às feiras. Nesse senti-

do, a criação de instituições relacionadas ao processo de intercâmbio de mercadorias e suprimento ao abastecimento da população representou o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial, um dos elementos determinantes para os homens se reunirem em sociedade (Dantas, 2008). Portanto, percebe-se que um dos elementos preponderantes para o surgimento das feiras seria a concepção de atividades ditas civilizadas, regidas em grande parte por excedentes gerados pela sociedade; a troca de determinados produtos engendra tal excedente.

Na sociedade feudal, em grande parte, os indivíduos produziam aquilo que consumiam (relação autossuficiente). No entanto, havia determinados intercâmbios de mercadorias, pois alguém poderia ter um bem insuficiente para a satisfação de sua necessidade. O indivíduo que não possuía determinado material fazia trocas em mercados próximos a mosteiros, castelos e outras cidades (Huberman, 1986). Vale salientar que esse tipo de atividade ainda não tinha uma coesão mais complexa porque a ausência em demasia de excedente gerava uma oferta e uma demanda em grande quantidade, em pequenas feiras, com produtos locais, em geral agrícolas.

O sistema comercial fluiu com mais rapidez por causa do advento das cruzadas, em que milhares de europeus atravessavam o continente por mar e terra buscando produtos e retornavam de jornadas do Oriente munidos de diferentes gostos que tinham experimentado. As cruzadas, assim, trouxeram ao sistema comercial da Europa uma configuração diferenciada, em que esse continente desperta do sono feudal (Huberman, 1986). Dessa forma, vemos uma dinâmica maior em relação ao comércio europeu, em que as feiras ganham dimensões maiores, negociando por atacado mercadorias que provinham de todo o mundo conhecido (Huberman, 1986). Com o fim do feudalismo e o surgimento do sistema capitalista, as feiras persistiram e chegaram ao Brasil por meio dos colonizadores portugueses. De acordo com Lima e Sampaio (2009), as feiras livres ultrapassaram os séculos adaptando-se a sociedades e economias diferenciadas e se instalaram no Brasil como empórios, ou seja, agregando mercadorias captadas do meio rural circundante para negociação nas cidades.

No contexto brasileiro, a primeira referência ao estabelecimento de uma feira encontra-se no ano de 1548, quando o governo geral do rei Dom João III permitia que, nas vilas e povoados, se fizesse a feira em um ou mais dias na semana, caso fosse necessário (Dantas, 2008). Essas feiras eram destinadas ao suprimento da própria população, mas também estavam calcadas na ideia de os nativos poderem vender e comprar produtos.

No período colonial, a dinâmica comercial girava em torno de dois núcleos principais: os engenhos de cana-de-açúcar e o comércio das vilas; e as cidades que serviam de armazéns e porto de embarque para a produção açucareira. De acordo com Dantas (2008), as primeiras feiras surgiram no Nordeste, provavelmente entre os séculos XVI

e XVII, em Capoeira, norte do Recôncavo Baiano. O comércio do gado e o da farinha também eram fortes e ocorriam também em outros estados do Nordeste do Brasil.

Segundo Costa (2003), na Paraíba, a feira desempenhou papel fundamental no desenvolvimento da cidade de Campina Grande naquele período, modificando-se para absorver as modernidades sem perder seus elementos pretéritos essenciais. Portanto, ao se remeter ao contexto histórico dessa cidade, remete-se também à própria história de sua feira, pois esta apresenta aspectos rugosos ao mesmo tempo que se adequa às novas exigências da modernização.

Campina Grande teve como primeiro embrião de sua formação, em 1697, um aldeamento dos índios aríus num sítio criado pelo capitão-mor dos sertões Teodósio de Oliveira Ledo, que os trouxe das Piranhas (Câmara, 1998, p. 22). Nesse sentido, os índios situaram-se primeiro no sítio das barrocas, atual Villa Nova da Rainha (Câmara, 1998), dando início ao povoado de Campina Grande. Com o passar do tempo, surgiram as primeiras casas de farinha, no Brejo e no Agreste, que abasteciam a feira na Rua das Barrocas. Em virtude da procura dessa iguaria e de cereais, a feira se tornou um ponto de parada para os boiadeiros e tropeiros do interior do estado. Vale ressaltar um dado de fundamental importância para o desenvolvimento da feira de Campina Grande: sua localização geográfica – a cidade se situava entre as regiões de pastoreio (Sertão e Cariri) e regiões agrícolas do Brejo e da Zona da Mata, numa época em que os transportes eram rudimentares, realizados em lombos de burros e de uma mercadoria que se autotransportava, o gado (Sá apud Costa, 2003, p. 19). Campina Grande apresenta destaque em sua centralidade por três motivos: a) constituía-se como um nó na rede de circulação entre pontos de partida e chegada distantes, oferecendo gêneros de primeira necessidade; b) não possuía concorrentes próximos; e c) era o principal fornecedor de suprimentos ao sertão paraibano (Costa, 2003).

Em 1790, o povoado foi elevado à categoria de vila, com o nome de Vila Nova da Rainha. Nesse período, retomou-se mais uma vez sua posição geográfica como elo estratégico, pois era considerada passagem obrigatória para as principais rotas de circulação do território paraibano.

Em 11 de outubro de 1864, Campina Grande foi elevada à categoria de cidade, ainda com uma estrutura urbana e econômica precária. A partir de 1907, com a introdução da linha ferroviária da empresa Great Western of Brazil Railway, que fazia o prolongamento da linha ferroviária de Itabaiana, distante 90 km de Campina Grande, a cidade passou a interligar-se com importantes centros litorâneos, em especial a capital pernambucana (Recife) (Diniz, 2009).

No início do século XX, Campina Grande se tornou um importante centro de comércio de algodão e, conseqüentemente, impulsionou outros setores da economia e renovou seu sistema urbano, cultural e social. Os anos 1930 foram marcados pela

ascensão e consolidação do comércio na cidade, e, com a construção dos eixos rodoviários, surgiram os caminhões e duas linhas de ônibus coletivos. A partir de então, os tropeiros, aos poucos, foram substituídos pelos carros. Em meados da década de 1950, Campina Grande passou a consolidar um setor industrial e, nesse sentido, a se organizar para receber ainda mais indústrias (Costa, 2003).

Um fato importante, apontado por Costa (2003), refere-se ao golpe militar ocorrido no Brasil. Esse evento afetou Campina Grande porque a ditadura pregava uma política centralizadora, na qual João Pessoa (capital) foi beneficiada. Entre os maiores enclaves trazidos pelo regime ditatorial, estavam o fechamento de indústrias e o consequente desemprego que assolou a cidade.

No que diz respeito à dinâmica econômica campinense, a cidade surgiu impulsionada pela feira de cereais e de gado; desenvolveu-se mais com o comércio de algodão e sua rede de distribuição ferroviária; e teve como ápice econômico a industrialização e um forte comércio atacadista. A feira, que foi origem dessa dinâmica, continuou a existir, conectando-se aos novos processos e funcionalidades da cidade. Um exemplo de que esses ciclos não foram completamente fechados é a Feira da Prata, que teve seu início em torno dos anos 1950, quando a cidade estava envolvida em sua industrialização, e tornou-se importante elemento da paisagem urbana.

A Feira da Prata está localizada no bairro da Prata (mapa 1).

Mapa 1 – Localização da Feira da Prata

Fonte: Moraes (2013).

Segundo moradores do bairro, a feira começou com um tímido aglomerado de feirantes. Ocorria às quintas-feiras e aos domingos, mas como os feirantes se fixavam em frente às residências, e os moradores não gostavam dessa prática, aqueles passaram a ocupar um grande terreno que circundava toda uma quadra (Apolinário, 2009, p. 47). A céu aberto, os feirantes comercializavam seus produtos, principalmente aos domingos (fotos 1 e 2).

Fotos 1 e 2 – Feira da Prata antes da revitalização estrutural em 2001

Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/browse/minhacidade>

Porém, com o decorrer do tempo, a Feira da Prata teve de se adaptar a novas exigências. De acordo com Apolinário (2009), ela se incorporou ao cotidiano do bairro da Prata e ao da própria cidade, sendo considerada um patrimônio histórico e cultural. Então, a pedido de comerciantes e consumidores, passou a ter uma nova estrutura, cuja construção começou em 2007/2008 e terminou em 2009 (foto 3).

Percebe-se, portanto, que as feiras de Campina Grande andaram lado a lado com a própria história da cidade, munida de aspectos rugosos. Em contrapartida, adaptaram-se às condições impostas pela modernidade.

Foto 3 – Feira da Prata depois da revitalização estrutural em 2012

Fonte: Nogueira (2012).

Com o advento dos mercadinhos, a feira encontrou um prenúncio de mudança, pois eles fornecem ao consumidor a opção de autoatendimento. Essa nova modalidade varejista se tornou uma concorrência para a feira, principalmente na década de 1980, quando os supermercados passaram a se instalar em grande parte do tecido urbano da cidade, abrindo um leque de opções a seus consumidores. Além de enfrentar a concorrência de mercadinhos, supermercados e quitandas espalhados por toda a cidade, a Feira Central, por exemplo, passou a enfrentar a concorrência das feiras de bairro, que invadiram as ruas da cidade (Costa, 2003, p. 128).

A Feira da Prata é um espaço multifacetado que pode ser analisado não só pela geografia, mas também por outros ramos do conhecimento científico; contudo, a partir desses pressupostos, surgem questões para se pensá-la a partir de uma ótica geográfica. Sua paisagem, arraigada por relações afetivas, possui significados tanto para a cidade quanto para os indivíduos que vivenciam o lugar. Nesse sentido, em que aspectos a Feira da Prata interferiu na qualidade de vida dos sujeitos que a vivenciam? Como essa

modificação foi recebida? Será que, de fato, a modificação da paisagem foi um aspecto positivo? Por meio dessas reflexões, a pesquisa busca contribuir para a discussão sobre a qualidade de vida e de trabalho na Feira da Prata.

Material e métodos

A pesquisa teve como público-alvo feirantes, moradores do entorno e consumidores da Feira da Prata. Realizaram-se os seguintes procedimentos práticos: a) levantamento bibliográfico; b) trabalho de campo exploratório; c) entrevistas; d) elaboração de mapas mentais; e) registro fotográfico; e f) visitas ao local para execução de diagnóstico ambiental.

Efetuuou-se o levantamento bibliográfico a partir de leituras relacionadas à concepção das feiras livres ao longo da história, à sua interferência no cotidiano das pessoas e vice-versa. Na fundamentação teórica, observou-se como ocorre a territorialização do Estado, da população, dos comerciantes e sua influência na modificação da paisagem e na qualidade de vida. Além disso, investigou-se como a feira pode ser entendida no viés do espaço vivido e como tem influenciado a qualidade de vida de quem vivencia esse ambiente.

Efetivaram-se os procedimentos metodológicos a partir de leituras sobre algumas técnicas específicas, como entrevista individual, análise semiótica de imagens paradas e mapas mentais.

Realizou-se o trabalho de campo exploratório a partir de visitas à prefeitura (secretarias da saúde, de infraestrutura, de planejamento etc.), a museus e a bibliotecas públicas (municipal e de institutos de ensino superior) e de visitas exploratórias ao local para identificar alguns elementos da paisagem que pudessem interferir na qualidade de vida dos indivíduos. Essas visitas ajudaram no processo de reconhecimento da feira e no contato com os sujeitos pesquisados.

Realizaram-se as entrevistas com representantes dos grupos estudados, escolhidos segundo critérios estabelecidos ao longo do trabalho de campo exploratório: maior tempo de convívio com a feira e aceite em conceder a entrevista. Totalizaram-se seis entrevistas (duas com comerciantes, duas com consumidores e duas com moradores do entorno). Após sua realização, pediu-se ao entrevistado que elaborasse dois mapas mentais do local, um antes da revitalização (para quem já vivenciava a feira nesse período) e outro após a revitalização, enfatizando elementos na paisagem que têm ou tiveram relação com sua qualidade de vida.

Fizeram-se os registros fotográficos a partir de visitas ao local, a fim de se identificarem elementos da paisagem apontados pelos sujeitos da pesquisa e observados pelo pesquisador.

Visitou-se o local para efetuar tanto o registro fotográfico quanto as anotações em caderno de campo. Nessa etapa, utilizaram-se esboços para localizar elementos já diagnosticados pelos sujeitos da pesquisa.

Fundamentação teórica

O estudo se materializou por meio da pesquisa qualitativa, inspirada pela fenomenologia.

Na pesquisa de cunho qualitativo, observa-se a importância do envolvimento do pesquisador com o fenômeno estudado, sua imersão no cotidiano de determinada realidade estudada. No entanto, como lembra Chizzotti (1998), o pesquisador não é um mero relator passivo; ele está inserido no dia a dia dos sujeitos pesquisados, e estes possuem uma imagem de sua vida cotidiana.

Nesse sentido, percebe-se que o pesquisador, ao realizar uma pesquisa qualitativa, deve estar preparado para essa imersão no cotidiano do sujeito pesquisado; tarefa que não é fácil, pois, ao se tornar parte do cotidiano, o pesquisador também vivencia a problemática estudada.

A fenomenologia forneceu subsídios teóricos para a realização do estudo. Essa corrente, que teve sua gênese no pensamento de Husserl, defende a imersão do pesquisador no cotidiano analisado, sua familiaridade com ele e a busca pela essência do problema pesquisado, ultrapassando assim, de forma crítica, a imagem superficial do fenômeno estudado. Ao se correlacionar a fenomenologia com a pesquisa em questão, considera-se a Feira da Prata um lugar repleto de territorialidades, carregado de aspectos afetivos.

De acordo com Claval (2010), entre os primeiros povos das sociedades ditas tradicionais, as geografias não são exclusivamente feitas de práticas e habilidades, mas estão carregadas de experiências e subjetividade. Logo, a ciência geográfica em si não se respalda apenas em conotações pragmáticas, mas apresenta em seu arcabouço epistemológico a abertura para os aspectos subjetivos dos seres humanos.

No entanto, faz-se mister compreender que tratar da subjetividade dos indivíduos é uma atividade complexa. Para tanto, Tuan (1980) propõe uma visão que inclua as atitudes e as crenças nas pesquisas.

Ao conectar essas ideias à pesquisa em análise e redirecioná-la ao estudo da qualidade de vida do indivíduo, surgem alguns questionamentos: como tais elementos estão presentes no fenômeno escalar da Feira da Prata? Qual sua relação com os indivíduos que vivenciam a feira? A percepção de transeuntes, feirantes e moradores que vivenciam a Feira da Prata fornece subsídios para o desenvolvimento do estudo, já que são esses indivíduos que a constroem e lhe dão vitalidade.

Dessa forma, faz-se necessário explorar os sentidos dos seres humanos, pois “o perceber [...] tem componentes sensoriais e ideacionais ao mesmo tempo” (Telford e Sawrey, 1968, p. 64). O desenvolvimento perceptivo depende da maturação dos órgãos dos sentidos, do sistema nervoso e da aprendizagem, enquanto a percepção seria o resultado do que o indivíduo recebe por meio dos sentidos e significados que experiencia.

As atuações dos sentidos (visão, tato, audição, olfato e paladar) proporcionam ao indivíduo a capacidade de vivenciar a realidade, de perceber aspectos concernentes ao mundo que o rodeia, ou seja, os sentidos subsidiam os indivíduos na apreensão da realidade. Portanto, por mais diversas que sejam as percepções do meio, os seres humanos, como membros da mesma espécie, estão limitados a ver as coisas de certa maneira; todos compartilham percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares. A unicidade da perspectiva humana torna-se evidente quando se indaga como a realidade humana deve diferir-se da dos outros animais (Tuan, 1980).

Diante do exposto, faz-se necessário abordar, de forma sintética, a relação dos sentidos com a perspectiva da percepção.

A visão é um sentido bastante importante para a sobrevivência humana, pois fornece informações mais detalhadas sobre o mundo (Tuan, 1980) – a exemplo da percepção da paisagem –, e por isso o homem tende a depender mais dele. Por meio da visão, o feirante, o consumidor e o morador do entorno da Feira da Prata são capazes de perceber elementos que podem interferir no processo saúde-doença de quem consome os produtos da feira e de quem lida com eles, na qualidade da saúde do trabalhador e na questão da infraestrutura oferecida ao feirante.

Nesse sentido, de acordo com Pereira (2010), podem-se apontar três tipos de paisagem que o ser humano consegue visualizar nesse ambiente: de risco, de prevenção e de promoção da saúde. Pode-se entender a paisagem de risco como a representação, tida pelo sujeito, de sua percepção em relação a elementos que podem causar perigo à saúde e à qualidade de vida de um grupo ou indivíduo. A paisagem de prevenção, por sua vez, é entendida como o apontamento de elementos resultantes de processos que se materializam em ações para prevenir doenças. Já a paisagem de promoção da saúde é tida como a percepção humana de elementos resultantes para um bem-estar geral da sociedade.

O tato também desempenha sua preponderância para com a percepção humana, pois proporciona a capacidade de saber se determinada superfície é áspera ou lisa, se determinado ambiente está quente ou frio etc.

A audição, nos seres humanos, não é tão aguçada, mas isso não tira desse sentido sua parcela de significância, pois, muitas vezes, somos mais tocados pelo que ouvimos do que pelo que vemos. Observe-se, por exemplo, como a música é apreciada pelos seres humanos; para muitas pessoas, ela representa uma experiência emocional mais forte do que ver quadros ou cenários (Tuan, 1980).

O olfato fornece aos seres humanos a capacidade de sentir aromas e odores, elementos que podem levar os indivíduos a uma memorização de tempos distantes.

O paladar, por fim, introduz o ser humano no mundo dos gostos, dos sabores.

Como os indivíduos percebem o mundo em que vivem por meio dos sentidos, que possuem particularidades? Os sentidos trabalham de forma sistemática e conjuntural. Por

exemplo: pode-se ver um feirante da janela de um carro e ser considerado apenas um observador, por não estar envolto completamente na cena; nesse caso, o mundo percebido pelos olhos é abstrato. Porém, é necessário ter em mente que os níveis de sensibilidade variam de indivíduo para indivíduo, em função de contexto social, cultura e história de vida.

A experiência é um elemento-chave para entender como os indivíduos percebem o lugar e criam laços afetivos com ele; é um termo que abrange as diferentes maneiras pelas quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos, como olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira diferente de simbolização (Tuan, 1980). Ao se consultar a etimologia da palavra “experiência”, observa-se que ela provém da mesma raiz latina (*per*) de “experimento” e “perigoso” (p. 10). Por meio dos sentidos, os seres humanos são capazes de criar sentimentos intensos pelo lugar.

Essa capacidade de criar laços de afetividade para com os lugares é bem trabalhada pelo geógrafo Tuan, que elege o conceito de *topofilia* como representante dos laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material (p. 107). Determinados lugares podem fazer as pessoas reviverem tempos distantes ou até experiências negativas, deixando-as apreensivas ao passarem por eles de novo; o espaço em si torna-se lugar quando a ele se atribui personalidade.

A cidade, como uma construção humana, está repleta de lugares engendrados por relações afetivas. De acordo com Landim (2004), cada espaço na cidade é entendido por meio de informações a seu respeito; os espaços, construídos e cheios de significância, são conotados como lugares. A cidade não é construída apenas por aspectos formais, como estruturas arquitetônicas e espaços públicos; também é fruto da construção social, de processos dialéticos que percorrem toda a sua formação. Trazendo-se essa questão para os indivíduos que vivenciam a Feira da Prata, busca-se a relação entre modificação da paisagem e qualidade de vida.

Landim (2004) mostra que a noção de espaço arquitetônico e a percepção dos indivíduos sobre a paisagem urbana interferem e ajudam no melhoramento da qualidade da estrutura urbana, pois o indivíduo passa a conhecer seu entorno, a partir da percepção do meio ambiente (meio ambiente natural) e do ambiente urbano (paisagem urbana). Os indivíduos que vivenciam o lugar conhecem suas potencialidades e dificuldades.

Entretanto, é comum o poder público ou privado elaborar projetos urbanos sem ouvir os indivíduos que vivenciam o espaço, e, mesmo quando estes são ouvidos, suas reivindicações raramente são consideradas. Em suma, como afirma Tuan, a “participação ativa é muito escassa, nem sequer participam de maneira simbólica na construção de monumentos públicos” (1983, p. 130). Landim (2004) mostra que, ao trabalhar com o espaço urbano, o corpo técnico ainda pensa o projeto para esse espaço independentemente das expectativas de sua população usuária, e a forma como essa população apreende esse espaço raramente

é considerada. Evidentemente, ao se pensar sobre esse ponto, não se pretende realizar uma crítica destrutiva; ao contrário, o foco é justamente apontar os possíveis equívocos para uma melhora na qualidade de vida dos indivíduos que vivenciam a Feira da Prata.

Resultados obtidos

Apresentar-se-ão os resultados obtidos pela pesquisa a partir das informações coletadas no trabalho de campo. Vale salientar que os nomes aqui citados são fictícios e escolhidos pelos próprios entrevistados.

No que diz respeito à antiga e à nova estrutura da Feira da Prata e ao que essas estruturas simbolizam para os indivíduos pesquisados, o mapa mental subsidiou a materialização dessa representação. Os pesquisados foram auxiliados, principalmente, pela análise do discurso referente às entrevistas. Dois se destacaram por representar maior nível de detalhamento da realidade observada (esquema 1).

Esquema 1 – Representação da antiga Feira da Prata realizada pela moradora Juliana

Fonte: Juliana (2012).

Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/browse/minhacidade>

Como era o local e seu entorno? O que se lembra?

Claro que lembro, era um local muito simples, não tinha calçamento, era tudo na terra mesmo, quando chovia os feirantes ficavam atolados na lama. E outra, era muito bagunçado, os produtos ficavam misturados com a lama.

De acordo com o discurso dos entrevistados, a Feira da Prata era um local de desorganização. A violência era um aspecto latente, inclusive pela ocorrência de assassinatos no local. Outros aspectos colocados pela entrevistada dizem respeito à própria higienização dos alimentos. Antigamente, esse fator não era considerado pelos feirantes; os produtos ficavam no chão, onde tinham de coexistir com animais abandonados e a lama, nos dias de chuva.

Com relação à nova estrutura da Feira da Prata, percebeu-se um nível de satisfação considerável por parte dos três grupos (feirantes, moradores do entorno e consumidores), sobretudo, nos quesitos organização, higiene e estrutura física. Exemplificando, pode-se observar no esquema a seguir a materialização dos benefícios, a partir da representação elaborada pelo feirante Antônio com relação à nova estrutura da Feira da Prata (esquema 2).

Esquema 2 – Representação da nova Feira da Prata realizada pelo feirante Antônio

Fonte: Antônio (2012).

Fonte: Nogueira (2012).

Como g(a) senhor (a) considera a Feira da Prata depois da reforma?

Atualmente tem uma melhor estrutura, tem banheiro. A feira hoje oferece uma melhor condição de trabalho, pois não ficamos a mercê das intempéries da natureza, como o sol, a chuva, e os alimentos ficam mais limpos, por causa da pavimentação do local.

O feirante Antônio foi bem enfático ao colocar que a nova estrutura da Feira da Prata oferece mais subsídios para a prática de seu trabalho. Logo, a organização no interior da feira ajuda bastante no desenvolvimento da relação com os próprios consumidores.

Feira da Prata: uma paisagem de prevenção e promoção da saúde

Na paisagem atual da Feira da Prata, observaram-se os três tipos de paisagem já mencionados: de risco, de prevenção e de promoção da saúde.

No que diz respeito à prevenção da saúde, verificam-se aspectos como a estrutura dos boxes (alvenaria) e a construção de um piso de cimento no térreo da feira. Esse piso proporcionou maior higienização do local e o devido acondicionamento dos alimentos em alguns boxes. Outro fator é o que se refere à prevenção de incêndios, que se materializa com a presença de extintores, sobretudo, na escada principal, que dá acesso ao piso superior.

A promoção da saúde é representada principalmente pelo posto de saúde existente na Feira da Prata, aberto não só para os feirantes, mas também para os moradores. Outro fator diz respeito a shows (serestas), um atrativo para os feirantes e os idosos que residem perto da feira.

De forma geral, observa-se que a paisagem de risco predomina em relação às outras, o que pode ser corroborado a partir da própria visão dos indivíduos que vivenciam o espaço da Feira da Prata. Eles sentem que tais aspectos são latentes e podem causar algum dano à sua saúde. Materializaram-se essas informações no croqui 1.

Croqui 1 – Paisagem de prevenção e promoção da saúde na Feira da Prata

Fonte: Nogueira e Pereira (2012).

Feira da Prata: uma paisagem de risco

Os possíveis fatores de risco à saúde dos indivíduos foram agrupados em oito grupos:

- *Riscos físicos*: poluição sonora, causada pelos carrinhos de som; cobertura incompleta, propiciando a exposição à chuva e aos raios solares; grande aglomeração de indivíduos em um espaço pequeno; problemas estruturais, especialmente aqueles ligados à cobertura incompleta da Feira da Prata. A iluminação é escassa no interior da feira, o que dificulta a visualização de pessoas e produtos, principalmente em dias nublados. Outro fator apontado diz respeito à própria forma de acomodação e acondicionamento de mercadorias: algumas são expostas no chão e não são devidamente estocadas em freezers. A drenagem também foi alvo de insatisfação. Quando chove, a água entra na feira por causa da não proteção total da cobertura. A feira fica

alagada quando há fortes chuvas, o que expõe os indivíduos à água suja, misturada com resíduos sólidos. Há ainda a presença de animais abandonados, como cachorros, o que coloca em risco não só as mercadorias, mas também as próprias pessoas que frequentam a feira.

- *Riscos químicos*: mau cheiro, proveniente do banheiro e do lixo; uso de agrotóxicos, como o carbureto (usado na banana); odor exalado por carnes e peixes (esses não são acondicionados de forma correta e ficam expostos a céu aberto, em alguns casos).
- *Riscos bio sanitários*: odor oriundo de carnes, peixes e banheiros; lama oriunda dos períodos de chuva; resíduos sólidos no interior da feira, misturados com água parada; presença de esgoto; ausência de vestuários apropriados para o manuseio dos produtos; presença de cachorros abandonados; vetores, como baratas, que proporcionam a propagação de micro-organismos.
- *Riscos ergonômicos*: relacionam-se ao carregamento de peso por parte de alguns indivíduos e à própria postura em relação à longa jornada de trabalho.
- *Riscos psicológicos*: pressão sofrida pelos feirantes, por parte do setor público, no que diz respeito à higiene e ao acondicionamento dos alimentos; pressão relativa à concorrência por clientela; estresse referente ao fato de acordar cedo e transportar as mercadorias; desapontamento de alguns feirantes em relação à mudança que houve na feira e à diminuição do lucro (no trabalho de campo, constatou-se a insatisfação de alguns feirantes, que chegaram a entrar em depressão e não foram mais trabalhar em virtude da mudança e do descontentamento com o lugar em que foram acomodados).
- *Riscos de segurança*: bancos de madeira, que deveriam ser de aço, já que os de madeira influenciam com maior agravo na higiene dos produtos; ausência de extintores de incêndio em alguns pontos; trânsito contínuo nos arredores da feira; furto de mercadoria.
- *Riscos sociais*: insegurança causada por pequenos furtos; diferença entre as rendas de consumidores, moradores do entorno e feirantes; feira de troca (é uma feira que fica fora do âmbito da estrutura e funciona, muitas vezes, como uma espécie de “mercado negro”, em que alguns produtos de origem duvidosa são comercializados sem nota fiscal).

- *Riscos ambientais*: aqui se enquadra a relação da feira com o ambiente de forma geral. Mesmo havendo limpeza por parte do setor da prefeitura, quando termina a feira, resta lixo em alguns pontos, e é preciso que moradores ou proprietários façam a devida limpeza. Antes, essa relação era bastante precária; atualmente, foi amenizada de forma significativa.

De acordo com o agrupamento dos riscos, materializaram-se essas informações no croqui 2, resultado da visão dos três grupos (feirantes, consumidores e moradores do entorno) sobre os riscos à saúde existentes na Feira da Prata.

Croqui 2 – Materialização dos riscos contidos na Feira da Prata

Fonte: Nogueira e Pereira (2012).

Considerações finais

A utilização da abordagem qualitativa associada à metodologia do mapeamento de riscos foi de suma importância para a organização dos resultados da pesquisa, em virtude da quantidade de material obtido a partir das técnicas de pesquisa utilizadas. O estudo em questão foi um marco para a sociedade, em função da não existência de pesquisas no local, e pode servir de base para o planejamento da infraestrutura das feiras livres em Campina Grande e, talvez, em outros municípios.

Referências

- ALES, Bello Angela. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia história e religião*. Bauru: EDUSC, 2004, 330 p.
- APOLINÁRIO, Otávia Karla dos Santos. *Urbanização e mudanças na paisagem do bairro da Prata, na cidade de Campina Grande/PB: uma análise de sua forma, função e estrutura*. Trabalho de conclusão de curso. Campina Grande: UEPB, 2009, 53 p.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.
- CÂMARA, Epaminondas. *Datas campinenses*. Campina Grande: Caravela, 1998, 164 p.
- CHAVES, Gilvando Rodrigues. *Análise socioeconômica e cultural da feira livre do município de Remígio/PB*. Trabalho de conclusão de curso. Campina Grande: UEPB, 2011, 98 p.
- CHIZZOTTI, Antonio. “Da pesquisa qualitativa”. *Pesquisa em ciências humanas sociais*. São Paulo: Cortez, 1998, pp. 77-87.
- CLAVAL, Paul. *Terra dos homens: a geografia*. Tradução de Domilita Madureira. São Paulo: Contexto, 2010, 143 p.
- COSTA, Antônio Albuquerque da. *Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo* (dissertação). UFPE, 2003.
- DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. “Feiras no Nordeste”. *Revista Mercator*, Fortaleza, 2008, v. 7, n. 13. Disponível em <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/11/7>. Acesso em 2 dez. 2011.
- DINIZ, Lincoln da Silva. *Permanências e transformações do pequeno comércio na cidade: as bodegas e a sua dinâmica socioespacial em Campina Grande*. Campina Grande: EDUFCG, 2009, 120 p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, 790 p.
- HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Tradução de Waltensir Dutra. 21 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, 313 p.
- LANDIM, Paula da Cruz. *Desenho de paisagem urbana: as cidades do interior paulista*. São Paulo: UNESP, 2004, 132 p.
- LIMA, Anna Erika Ferreira e SAMPAIO, José Levi Furtado. “Aspectos da formação espacial da Feira Livre de Abaiara – Ceará: relações e trocas”. *Anais do XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária*.

- USP, 2009. Disponível em http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Lima_AEF.pdf. Acesso em 23 dez. 2011.
- MORAIS, Rafael Dantas de. *Mapa de localização: município de Campina Grande*. Campina Grande, 2013. Projeção UTM SAD 1969.
- PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. *Mercado Joaquim Torres: evolução e dinâmica atual* (monografia). UFPB, 1999.
- . “Conhecimento geográfico para a promoção da saúde”. *Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, Uberlândia, 2010, v. 6, pp. 77-88. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/16978/9364>. Acesso em 4 dez. 2011.
- SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, 293 p.
- TELFORD, Charles W. e SAWREY, James M. “O atentar e o perceber”. *Psicologia: uma introdução aos princípios fundamentais do comportamento*. Tradução de Octavio Mendes. São Paulo: Cultrix, 1968, pp. 170-208.
- TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980, 288 p.
- . *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.